



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

CAMILA SORGETZ RODRIGUES DE VARGAS

**A TRADUÇÃO À VISTA NO COTIDIANO PROFISSIONAL DOS
TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

**PORTO ALEGRE
2021**

CAMILA SORGETZ RODRIGUES DE VARGAS

**A TRADUÇÃO À VISTA NO COTIDIANO PROFISSIONAL DOS
TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharela em Letras
com ênfase em Tradução e Interpretação
de Português/Libras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina
Pires Pereira

PORTO ALEGRE

2021

CAMILA SORGETZ RODRIGUES DE VARGAS

**A TRADUÇÃO À VISTA NO COTIDIANO PROFISSIONAL DOS
TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharela em Letras
com ênfase em Tradução e Interpretação
de Português/Libras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina
Pires Pereira

Aprovado em __/__/____

Banca examinadora:

Prof. Dra Maria Cristina Pires Pereira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Vinicius Martins Flores
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra Glória Regina Loreto Sampaio
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, que me resgatou, amou e mostrou, de forma muito particular, a língua de sinais e a comunidade surda. Ao Dani, marido maravilhoso, que aceitou comigo o desafio e ouviu atentamente cada novidade alegre ou reclamação durante esse período louco e maravilhoso da graduação e do TCC. Sem ti, eu não teria conseguido aguentar, teu amor e amizade me fazem mais forte, resistente e feliz, te amo!

Obrigada, mãe, por me ensinar tanto, me apoiar incondicionalmente e lutar para eu sempre conquistar meus objetivos! Mana, obrigada por ser minha mana e por chorar comigo a cada conquista, por menor que seja.

Aos meus colegas que são incríveis, questionadores e amam uma discussão (e um café!). Especialmente à Vic, amiga incrível, dupla maravilhosa, sempre botando lenha nas fogueiras, as discussões quase infindáveis contigo me fazem crescer todos os dias, te admiro tanto. Ao Lucas, que além de discutir muito sobre tradução e ensinar edição, me apresentou ao COLEP, Coletivo pela Educação Popular, iniciativa linda, transformadora e potente que me permitiu colocar em prática muitas das subversões discutidas em sala de aula, obrigada! À Ju Pokorski, raramente colega, mas amiga e vizinha presente, obrigada por todo teu incentivo, carinho e amizade. Conversar contigo (entre caminhadas e mates) sempre me traz reflexões novas e muitos sorrisos! Um carinho especial de agradecimento à Laís por sua amizade e revisão tão doce e atenciosa deste trabalho.

A todos e a cada um dos professores e professoras do curso, obrigada! Em meio a tempos tão sombrios de negação à ciência e desprezo à profissão docente, precisamos reconhecer a influência de vocês. Obrigada por contribuírem com a minha formação! Espero ser uma profissional à altura de seus ensinamentos.

À equipe de TILS do Incluir UFRGS por me acolher para o estágio e me ensinar tanto e de forma tão amorosa. Que experiência avassaladora que vivi durante os estágios! Principalmente, por compartilhá-los com Vic e Lucas, meus BFFs (haha)! O quanto discutimos, aprendemos e construímos juntos, uma equipe

de dar orgulho aos teóricos! Que alegria que conseguimos nos manter tão unidos mesmo em meio ao caos do isolamento social.

À comunidade surda brasileira, tão diversa e tão linda, por lutar pelos direitos e, mais que isso, lutar para não perdê-los, obrigada! A todas e todos intérpretes que, através de muita luta, junto com a comunidade surda, conquistaram este curso e diversas outras conquistas para a categoria.

Aos 16 TILS que compartilharam comigo seu tempo e suas experiências que deram base às discussões deste trabalho, muito obrigada!

Obviamente, agradeço à minha orientadora, Maria Cristina, professora, pesquisadora e intérprete. Nem consigo expressar minha gratidão pelos ensinamentos, discussões e provocações durante esses anos. Espero ser uma boa “cria da Maria Cristina”!

E, finalmente, à Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade! Que mesmo sob tantos ataques, ainda é um feixe de luz em meio a uma sociedade negacionista!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca verificar de que formas a Tradução à Vista (TrPV) faz-se presente no cotidiano profissional de tradutores e intérpretes de Libras (TILS). O conhecimento empírico aponta que grande parte dos TILS utilizam TrPV em sua rotina de trabalho. Em contrapartida, percebemos poucas produções que relacionem TrPV e Libras. Desse modo, para verificar de que formas os TILS precisam lançar mão da TrPV durante sua atuação profissional, elaboramos um questionário contendo seis perguntas dissertativas sobre esse tipo de tradução, sem, contudo, mencionar sua terminologia. O questionário foi elaborado através do *Google Forms* e publicado em dois grupos de intérpretes no *Facebook* e na página pessoal da pesquisadora na mesma rede social. Recebemos 16 respostas, que apontam para a frequente utilização da TrPV pelos TILS, sobretudo na esfera educacional. Embora se trate de uma amostra pequena em relação à percepção da quantidade de tradutores e intérpretes em atuação por todo o país, cabe ressaltar que há possibilidade de essa realidade se repetir em grande escala. Concluímos, frisando a urgência de mais estudos que relacionem a TrPV com a Libras. Pois nossos dados indicam que os TILS têm de utilizar a TrPV frequentemente em sua rotina profissional e que boa parte deles não possui conhecimento teórico acerca do processo que estão executando. Dessarte, apontamos que a maior difusão dessa relação pode trazer contribuições para a prática profissional dos TILS.

Palavras-chave: Tradução à Vista. Tradutores e Intérpretes de Libras. Estudos de Interpretação.

ABSTRACT¹

This undergraduate thesis aims to verify in what ways Sight Translation is present in the professional life of translators and interpreters of Libras (TILS), the Brazilian Sign Language. Empirical knowledge shows that a large part of TILS uses Sight Translation in their work routine. On the other hand, we see few productions that relate Sight Translation and Libras. Thus, to verify in what ways TILS need to use Sight Translation during their professional performance, we prepared a questionnaire containing six essay questions about this type of translation, without mentioning its terminology. The questionnaire was prepared using *Google Forms* and was published in two *Facebook* groups of interpreters, and on the researcher's page on the same social network. We received 16 responses, which point to the frequent use of Sight Translation by TILS, especially in the educational sphere. Although this is a small sample concerning the number of translators and interpreters working throughout the country, it is worth emphasizing that there is a possibility that this reality will be repeated on a large scale. We conclude by stressing the urgency of further studies that relate Sight Translation to Libras, since our data show TILS frequently use Sight Translation in their professional routine and that a good part of them do not have theoretical knowledge about the process they are executing. Thus, we point out that the greater diffusion of this relationship can contribute to the professional practice of TILS.

Keywords: Sight Translation. Brazilian Sign Language translators and interpreters. Interpretation Studies.

¹ Traduzido por: Júlia Corrêa Mitidieri

RESUMO EM LIBRAS

Disponível em:

https://youtu.be/x1sCyfl_L_o

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nomenclatura e Presença da TrPV durante a formação	26
Tabela 2 - Área de Atuação	27
Tabela 3 - Frequência de Utilização	28
Tabela 4 - Nomenclatura	30
Tabela 5 - Experiência e Formação	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ETILS	Estudos de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais
Febrapils	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
Libras	língua brasileira de sinais
TILS	tradutor e intérprete de Libras
TrPV	Tradução à Vista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TRADUÇÃO À VISTA	17
3 METODOLOGIA	21
4 ANÁLISE DE DADOS	23
4.1 Do tempo de experiência e da formação	23
4.2 Da esfera de atuação e rotina	26
4.3 Da nomenclatura	30
5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	45
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	50

1 INTRODUÇÃO

A atuação de tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais (TILS), embora seja antiga (LACERDA, 2010; LACERDA; GURGEL, 2011), possui recente reconhecimento legal (BRASIL, 2010). O que traz consigo um recente interesse da comunidade acadêmica sobre o tema, fato expresso na quantidade de pesquisas que envolvem a tradução e interpretação de língua brasileira de sinais (Libras) (PEREIRA, 2018), principalmente, se compararmos aos trabalhos desenvolvidos na área dos Estudos da Tradução de línguas orais.

O campo dos Estudos de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais – ETILS (SOUZA, 2010; RODRIGUES; BEER, 2015) está em constante expansão, porém, ainda há muitos temas sobre os quais pouco ou nada foi pesquisado. Ou, ainda, existem assuntos que são abordados sobretudo em relatos de experiências sobre a tradução e interpretação de Libras, mas que, geralmente, não são relacionados aos estudos já existentes sobre os mesmos processos em línguas orais. Esse é o caso da Tradução à Vista (TrPV)², assunto sobre o qual nos debruçaremos neste trabalho. Esta pesquisa insere-se na grande área de Estudos da Interpretação e dentro dos Estudos de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais como subárea.

Entende-se como Tradução à Vista (TrPV) a transposição de um texto escrito em língua fonte para um discurso falado³ em língua alvo (JIMÉNEZ IVARS, 1999; SAMPAIO, 2017). É sabido, empiricamente, que grande parte dos TILS precisa lançar mão da TrPV em sua rotina profissional, embora percebamos, através de relatos de colegas TILS, que, muitas vezes, eles parecem não ter consciência de que o processo que estão executando trata-se de Tradução à Vista. Além disso, poucos estudos relacionam a Tradução à Vista com a Libras (PEREIRA; VARGAS, 2020).

² Acreditamos que o nome mais condizente com o processo seja Interpretação à Vista. Contudo, decidimos utilizar a sigla cunhada por Sampaio (2017). Embora a sigla refira-se à nomenclatura Tradução à Prima Vista, iremos utilizá-la para nos referirmos ao processo de modo geral. Quando quisermos nos referir ao processo específico, usaremos o nome por extenso, Tradução à Prima Vista.

³ Entendemos fala de acordo com Saussure (2006, p.22): "A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações".

Através dessas relações, surgiu nossa questão de pesquisa: de que maneira a TrPV está presente no cotidiano profissional dos tradutores e intérpretes de Libras/Português? Pensando nisso, nosso objetivo geral é verificar de que formas a Tradução à Vista (TrPV) faz-se presente no cotidiano de trabalho desses profissionais. Como objetivo específico, averiguar se os TILS possuem conhecimento teórico sobre esse processo tradutório/interpretativo.

Para tanto, foi feito um questionário abordando o cotidiano profissional dos TILS, sem, contudo, conter o termo Tradução à Vista, com o intuito de ver se os respondentes relacionariam o processo descrito nas perguntas com sua nomenclatura teórica. As perguntas foram elaboradas utilizando o *Google Forms* e disponibilizadas online. As informações detalhadas serão descritas na seção de metodologia.

Para o embasamento teórico deste trabalho, são utilizados artigos escritos em português e em espanhol, pois somente nessas línguas possuo fluência leitora, tendo conhecimento de que a maior parte da produção encontra-se, principalmente, em inglês.

Tradução à Vista é o nome dado ao processo de passagem de um texto escrito em uma língua fonte para um discurso falado, em uma língua alvo oral (JIMÉNEZ IVARS, 1999; SAMPAIO, 2017) ou sinalizada (PEREIRA; VARGAS, 2020). É um processo que mescla tanto características de tradução, quanto de interpretação e é, amplamente, utilizado como ferramenta de ensino para intérpretes de conferência de línguas orais (JIMÉNEZ IVARS, 1999; SAMPAIO, 2017).

No que diz respeito à relação de sua denominação, Tradução à Vista, com a língua brasileira de sinais, encontramos poucos artigos (PEREIRA, 2014, 2015; PEREIRA; VARGAS, 2020). Contudo, existem trabalhos que relacionam o processo de TrPV com a Libras, porém, sem lançar mão da terminologia específica (QUADROS E SOUZA, 2008; KARNOPP, 2015a, 2015b; REICHERT, 2015; ALBRES, 2016; SILVA, 2017).

É notável, tanto em minha experiência profissional, quanto em relatos de colegas, a grande utilização desse tipo de tradução/interpretação no cotidiano profissional de TILS. Em termos de pesquisa, entretanto, vemos o assunto abordado raras vezes (PEREIRA, 2014, 2015; PEREIRA; VARGAS, 2020). Portanto, por ser um dos primeiros trabalhos a debruçar-se sobre o tema conectando-o, diretamente, a uma realidade de tradução tendo a Libras como língua alvo, acredito que

contribuirá na difusão dessas relações para a comunidade surda (tanto para usuários da língua, quanto para tradutores e intérpretes).

Enquanto pesquisadora de uma área ainda marginalizada, acredito que relacionar a Libras a teorias postuladas sobre as línguas orais que desconsideram línguas de sinais de seu escopo pode ser muito benéfico. Não é incomum, tanto em publicações de tradução e interpretação, bem como em eventos da área, vermos os temas que envolvem línguas de sinais separados, como se nossas questões profissionais fossem particulares (PEREIRA, 2018).

Contudo, cada vez mais, percebemos que muitas inquietações que temos também são pautas de encontros de intérpretes e tradutores de línguas orais. Penso que, quanto mais aproximarmos as línguas de sinais dos Estudos de Interpretação e Estudos de Tradução, como mais uma possibilidade de língua de trabalho, mais teremos um campo teórico amplo e rico.

Por fim, de forma prática, este texto busca estimular a discussão desse tema por TILS, pois concordamos com Vinay (2008) quando diz que a teoria tradutória deve servir para auxiliar o trabalho dos profissionais. Dessa maneira, discutir e apropriar-se de preceitos teóricos pode ajudar-nos a repensar, adequar ou até mesmo, aprimorar a prática.

Por meio da relação com teorias originadas no estudo de línguas orais, reforçar aos Estudos de Tradução e aos Estudos de Interpretação que os processos tradutórios que contêm línguas de sinais como língua de trabalho possuem várias semelhanças com os processos executados somente entre línguas orais, além de terem diversas especificidades.

Este Trabalho de Conclusão de Curso traz, inicialmente, um apanhado dos estudos que falam sobre TrPV em línguas orais, relacionando seus preceitos com a realidade de interpretação e tradução de Libras. Em seguida, apresenta a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Na sequência, traz as discussões e as análises das respostas coletadas. Por último, traz as considerações finais, as possibilidades de pesquisas futuras e as intersecções que surgiram durante a elaboração desta pesquisa.

2 TRADUÇÃO À VISTA

A Tradução à Vista está na fronteira entre tradução e interpretação porque combina traços de ambas as modalidades em seu processo. Consiste em passar um texto escrito em uma língua fonte para um discurso falado na língua alvo (JIMÉNEZ IVARS, 1999; SAMPAIO, 2017; PEREIRA; VARGAS, 2020). As menções ao tema, em sua maioria, apontam-na como parte da taxonomia dos tipos de tradução (PEREIRA, 2014, 2015; CABAZ; BELAM, 2016; NASCIMENTO, 2016; CAVALLO; REUILLARD, 2016; CARVALHO, 2017; COSTA; JESUS, 2017) ou como ferramenta de ensino para intérpretes de conferência de línguas orais (JIMÉNEZ IVARS, 1999; SAMPAIO, 2017).

Poucos autores tratam, especificamente, sobre o tema em língua portuguesa (SAMPALIO, 2014; 2017; PEREIRA; VARGAS, 2020), sendo que somente as últimas relacionam TrPV e Libras. Mesmo sendo pouco investigada, é possível perceber a presença da TrPV em diversas esferas de atuação de tradutores e intérpretes, como jurídica (ALMEIDA; NORDIN, 2017), educacional (ALBRES, 2016), conferência (CARVALHO, 2016), médica (QUEIROZ, 2011), etc.

Pelo fato de haver, necessariamente, a presença de um texto escrito e de sua reformulação em outra língua ser simultânea na maioria das vezes, o processo tem grande complexidade, além de mesclar modalidades de uso diferentes. No caso de um par linguístico contendo duas línguas orais, há a visualidade do texto escrito e a fala oral. Quando há, na situação interpretativa, a presença de uma língua oral e uma de sinais, temos duas formas de discursos visuais, uma materializada pelo texto escrito e a efemeridade do discurso falado na modalidade visual espacial. Ademais, pode haver recepção simultânea do público e o esforço cognitivo durante o processo é intenso (JIMÉNEZ IVARS, 1999; GILE, 2015, JAKOBSEN; JENSEN, 2018).

O intérprete tem em mãos um texto escrito e terá que reformulá-lo, quase que imediatamente, em um discurso oral/sinalizado em língua alvo, o que implica em rápidas: leitura, análise, memorização e adequação estrutural à produção oral, como colocam Fernández Sanchez e Marín Hita (1990):

Na tradução à vista, o intérprete ou tradutor, subordinado à forma escrita, à ordem das palavras e estruturas sintáticas mais ou menos rígidas, tem que

fazer um esforço extra para detectar o sentido e expressá-lo, para evitar interferências e traços lexicais que possam aparecer ancorados à forma escrita do texto original (FERNANDEZ SANCHEZ, MARÍN HITA, 1990, p. 223) (tradução nossa).⁴

A combinação dessas características torna a TrPV uma vantajosa ferramenta em processos seletivos para intérpretes (PAGURA, 2010; PEREIRA; VARGAS, 2020). Do mesmo modo, é vista como um instrumento eficaz para a preparação de intérpretes de conferência em línguas orais, pois desenvolve muitas das habilidades necessárias para a interpretação simultânea, como afirma Sampaio,

Sem dúvida, podemos argumentar que, por exigir do intérprete um esforço cognitivo considerável na consecução de tarefas múltiplas e concomitantes, a TrPV antecipa e propicia um trabalho de reformulação textual interlingual muito complexo, que partilha muitas de suas demandas cognitivas como aquelas impostas pela interpretação simultânea (SAMPAIO, 2017, p. 1676).

Vale atentar que “[...] a reformulação do texto na língua de chegada deve ter como base o *sentido* apreendido e não a tradução mecanicista baseada apenas no significado linguístico do texto de origem” (SAMPAIO, 2017, p. 1679). A multiplicidade de características presentes no processo de TrPV, que envolve a mediação entre duas formas diferentes de registro linguístico e duas línguas distintas, torna-o muito complexo e somente isso já seria suficiente para defender a urgência de mais estudos aprofundados sobre o tema.

Dentre os textos pesquisados para esta investigação, o trabalho mais extenso sobre o assunto é a tese de doutorado de Amparo Jiménez Ivars (1999), que analisa, profundamente, a tradução à vista tendo como foco o seu uso em línguas orais. A autora, ao catalogar todos os estudos que tratam sobre TrPV, chega à conclusão de que não há unanimidade sobre as definições e nuances do processo, pois “[...] cada autor enfatiza uma característica diferente desta atividade, de modo que parece que estão se referindo a conceitos distintos” (JIMÉNEZ IVARS, 1999, p. 146) (tradução nossa).⁵

⁴ No texto originário: *En traducción a la vista, el interprete o el traductor, subordinado a la forma escrita, al orden de las palabras, a las estructuras sintacticas mas o menos rigidas, tiene que hacer un esfuerzo complementario para descubrir el sentido y expresarlo, para evitar las interferencias y calcos lexicos que pueden surgir debido a la forma escrita del texto original* (FERNANDEZ SANCHEZ, MARÍN HITA, 1990, p. 223).

⁵ No texto originário: *Cada uno de estos autores hace hincapié en una faceta distinta de esta actividad de manera que parece que se están refiriendo a conceptos distintos.* (JIMÉNEZ IVARS, 1999, p. 146).

Em seu trabalho, Jiménez Ivars (1999) apresenta as submodalidades da TrPV. A primeira é a *tradução a olho ou prima vista*, na qual o intérprete teria acesso ao texto somente no momento da execução da interpretação. A autora compara a tradução a olho a uma interpretação simultânea, pois o intérprete não tem tempo para preparar suas escolhas tradutórias. Contudo, pensando em interpretação, o ideal é que os intérpretes tenham acesso prévio ao material a ser interpretado (NOGUEIRA, 2016).

A segunda é *tradução à vista preparada*. Nesse caso, segundo a autora, o tradutor/intérprete recebe o texto e tem a oportunidade de lê-lo na íntegra antes de começar a interpretação. Desse modo, tem um certo tempo para pensar as estratégias e há a possibilidade de fazer algumas anotações. Aqui, embora não seja nosso objetivo neste trabalho, cabe pensarmos um pouco sobre como os intérpretes costumam preparar-se e se, de modo geral, sabemos extrair os principais pontos do texto e usar esse tempo como ferramenta a fim de qualificar ainda mais a interpretação à vista preparada.

No caso específico de tradutores e intérpretes de Libras, refletir sobre como se daria o processo de tomada de notas. Pois, em nosso caso, pelo fato de a língua brasileira de sinais ser uma língua visual espacial, temos a competição entre a visualização do discurso em Libras e do papel para realizar as anotações, quando temos Libras como língua fonte e português como língua alvo.

Jiménez (1999) aponta, ainda, a *tradução à vista consecutiva* que é a submodalidade na qual o intérprete lê o texto na íntegra e, posteriormente, produz o conteúdo do texto, diretamente, na língua alvo, ele pode transpor este texto de forma resumida ou explicativa. Existe, também, a *tradução à vista em interpretação consecutiva*; esta se dá quando o orador lê fragmentos de um texto em blocos, nesse caso, o intérprete recebe a leitura oralmente e tem acesso ao texto escrito, que é usado como substituto de uma tomada de notas.

Por fim, a autora traz a *simultânea com texto*. Nesse tipo de TrPV, o orador faz a leitura de um texto em meio a sua fala durante uma interpretação simultânea. Nesse caso, o profissional tem duas formas de *input*, um auditivo e um visual. Para ela, a vantagem desse tipo de TrPV é que o tradutor pode usar o texto como apoio e recebe as marcas e indicações prosódicas do orador. Sem dúvidas, ter marcas vocais em conjunto com o texto escrito pode auxiliar, e muito, as escolhas tradutórias do tradutor, mas precisamos atentar ao fato de que Jiménez (1999)

considera que a TrPV é efetuada por um tradutor, profissional acostumado a ter o texto escrito como material de trabalho.

No caso específico dos TILS, percebemos que a maior parte da rotina profissional é de interpretação, tendo línguas faladas como fonte e alvo (português oral e Libras sinalizada ou vice-versa). Portanto, podemos inferir que a TrPV será executada por um intérprete. Nesse aspecto, todavia, vale lembrar que, normalmente, a leitura não segue as marcas prosódicas da fala natural (FERREIRA NETTO; CONSONI, 2008; PACHECO; OLIVEIRA, 2014). Pensando na realidade de TILS em situação de interpretação de conferências, normalmente, estão posicionados em cima do palco, de costas para o texto projetado, pois, muitas vezes, não há monitor de apoio em frente ao palco. Dessa maneira, a presença de leitura pode dificultar, e muito, seu trabalho. Pois, ao mesmo tempo, há uma fala não natural (de leitura) e acelerada muitas vezes, além do desconforto em virar a cabeça para conseguir observar o texto projetado.

Estes pontos nos fazem pensar se, de fato, a presença da leitura durante uma apresentação oral traria benefícios ao TILS. Pois, quando analisamos a afirmação da autora e consideramos a atuação de TILS, percebemos muitas diferenças. Isso nos mostra que, em contraponto à ideia de Jiménez (1999), talvez a *simultânea com texto* traga ainda mais desgaste cognitivo para o TILS.

Sobre os ambientes de uso da Tradução à Vista, Jiménez (1999) aponta para tribunais, conferências, cabine de interpretação e reuniões. Vale frisar que a autora desconsidera as línguas de sinais do escopo de seu estudo, e isso tem influência direta em seus resultados, pois, como veremos mais adiante, de acordo com nossos dados, a presença da TrPV é muito frequente no ambiente educacional.

Além de notar a presença da TrPV no dia a dia de TILS, até mesmo em minha própria rotina, é alta a recorrência da descrição do processo em textos que versam sobre leitura de surdos ou interpretação de língua brasileira de sinais (QUADROS E SOUZA, 2008; KARNOPP, 2015a, 2015b; REICHERT, 2015; ALBRES, 2016; SILVA, 2017). Ressalta-se que se tratam de trabalhos muito recentes que não contemplam a conexão entre TrPV e a Libras, o que evidencia a necessidade de mais estudos e difusão desse tema na área de ETILS.

3 METODOLOGIA

Este trabalho tem caráter exploratório descritivo e, para base das análises, utiliza um questionário com seis perguntas dissertativas sobre o cotidiano profissional dos TILS, sem, contudo, conter o termo Tradução à Vista. Inicialmente, o objetivo era coletar respostas somente de egressos de Universidades Federais. O critério de considerar somente alunos de cursos de Tradução e Interpretação de Libras/Português de Universidades Federais foi decidido para tratar de um grupo mais específico e pela possibilidade de análise das ementas das disciplinas de teoria da Tradução e da Interpretação desses cursos.

Entretanto, recebemos respostas com diversas formações e realidades, portanto, decidimos mantê-las para a visualização de um contexto mais amplo. Por isso, não delimitamos nenhum critério de localidade, tempo de experiência ou esfera de atuação profissional. Além disso, percebemos que analisar as ementas ia de encontro ao objetivo central deste trabalho, de verificar a utilização ou não da TrPV pelos TILS e seu conhecimento sobre a nomenclatura teórica, pois nem sempre a TrPV aparece nominalmente nas ementas.

Todas as questões foram elaboradas para respostas abertas, com o propósito de coletar relatos mais ricos e completos. São elas:

- 1)Atua como tradutor(a) e intérprete de Libras (TILS) há quanto tempo?
- 2)É formada(o) há quanto tempo? Em qual instituição se formou?
- 3)Atua, majoritariamente, em qual área (educacional, médica, jurídica, etc.)?
- 4)Quando um surdo ou um ouvinte tem um texto escrito em Língua Portuguesa e expressa-o em Libras, você considera isso leitura ou tradução?
- 5)Em sua rotina profissional, costuma passar textos escritos em Língua Portuguesa para Libras (por exemplo, em sala de aula, os alunos recebem um texto escrito em português e você precisa passar aquele conteúdo para o aluno surdo)? Se sim, com que frequência (pode ser aproximadamente)? Você poderia nomear esse processo?
- 6)Em sua formação, você aprendeu, discutiu ou efetuou exercícios que envolvessem esse processo (passar um texto escrito em português para Libras)?

As perguntas⁶ foram elaboradas utilizando o *Google Forms* e disponibilizadas em dois grupos de TILS no Facebook, o grupo Febrapils⁷ (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais), que possui 2,9 mil membros, e o grupo Tradução e Interpretação de Libras⁸, que conta com 1,6 mil membros. O *link* das perguntas também foi postado na página pessoal da pesquisadora, na mesma plataforma de rede social. O tempo de aplicação da pesquisa foi de três meses, de 16 de outubro de 2020 a 16 de janeiro de 2021. Recebemos, ao todo, 16 respostas, que serão analisadas no bloco a seguir.

⁶ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) encontra-se no Apêndice B.

⁷ Grupo público, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/febrapils/> Acesso em 29 de março de 2021.

⁸ Grupo público, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/786100751465301/> Acesso em 29 de março 2021.

4 ANÁLISE DE DADOS

Elaboramos as perguntas com o objetivo de verificar de que maneiras os TILS precisam lançar mão da TrPV durante sua atuação profissional, atentando, principalmente, ao campo de atuação desses profissionais *versus* a frequência de utilização reportada por eles. A escolha dessa ênfase deu-se no intento de confirmarmos nossa percepção da presença frequente da TrPV em diversas esferas de trabalho dos TILS. A fim de analisar e relacionar melhor os dados, separamos as respostas em três grupos: as perguntas um, dois e seis correspondem ao *tempo de experiência e formação*; agrupamos as perguntas três e cinco em *esfera de atuação e rotina*; e a pergunta quatro diz respeito à *nomenclatura*.

4.1 Do tempo de experiência e da formação

Analisaremos as respostas das seguintes perguntas: 1) Atua como Tradutor(a) e Intérprete de Libras (TILS) há quanto tempo?; 2) É formada(o) há quanto tempo? Em qual instituição se formou?; 6) Em sua formação, você aprendeu, discutiu ou efetuou exercícios que envolvessem esse processo (passar um texto escrito em português para libras)?.

A análise das respostas recebidas evidenciou que os participantes possuíam longa trajetória profissional, entre 2 e 25 anos, tendo média de 9,43 anos. Mesmo com vasta experiência, a maioria dos respondentes, como veremos mais adiante, não nomeia o processo descrito na pergunta seis como TrPV. Não é nosso objetivo fazer juízo de valor sobre os respondentes, mas é um ponto de reflexão o fato de um grupo com um tempo expressivo de trabalho não saber a nomenclatura de um processo tradutório.

Obviamente, nem todos os cursos de formação de TILS contemplam estudos teóricos, em especial os que são voltados à prática e possuem curta duração. Todavia, cabe analisar, em pesquisas futuras, se a ausência desse conhecimento teórico (e, conseqüentemente, terminológico) traz algum tipo de prejuízo aos processos interpretativos em questão.

Com as respostas à pergunta dois, percebemos diversas realidades de formação: “2 anos”; “quatro anos”; “sou pedagoga, com pós-graduação em Libras, Ed especial e Inclusiva com ênfase em Surdez e LIBRAS e cursando Letras Libras bacharel”; “20 anos”; “14 anos”; “6 anos”. Com apenas alguns excertos, já é possível verificar a diversidade de nossa amostra. Porém, as respostas não deixam claro se todas as graduações descritas são em Tradução e Interpretação de Libras/Português.

Dessa maneira, percebemos que a pergunta não ficou totalmente clara, pois não é possível determinar se todos os respondentes possuem graduação em Tradução e Interpretação de Libras/Português. Contudo, vale salientar que a pergunta foi elaborada pensando em respondentes egressos do curso supracitado. Portanto, a falta de clareza pode ser resultado da ampliação dos critérios de seleção dos participantes durante a pesquisa.

É notável, porém, a presença de formações em outras áreas de conhecimento e especializações em assuntos relacionados à área de Estudos Surdos⁹ e ETILS. Essa informação é significativa já que cursos de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras começaram a ser ofertados em 2008 (LACERDA, 2010; PEREIRA, 2018), percebemos que boa parte dos TILS atuantes há mais tempo possui outras graduações e acaba especializando-se em tradução e interpretação mais tarde, quadro que vem mudando com o passar dos anos e com o aumento na oferta de graduações específicas para formar TILS (SANTOS, 2010).

Na sequência, a pergunta seis questiona se os respondentes aprenderam, discutiram ou efeturaram Tradução à Vista durante sua formação. A Tabela 1 apresenta que doze respostas foram positivas e quatro negativas, entretanto, precisamos levar em conta que somente três respondentes nomearam o processo como Tradução à Vista. Destes, dois afirmaram ter aprendido sobre TrPV durante a formação e um afirmou não ter aprendido.

⁹ Os Estudos Surdos podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação - e não apropriação - com o conhecimento e com os discursos sobre surdez e sobre o mundo dos surdos (SKLIAR, 2015, p.30).

Tabela 1 - Nomenclatura e Presença da TrPV durante a formação

Citou TrPV nas respostas	Número de Respostas	Estudou TrPV durante sua formação?	Número de respostas
Sim	3	Sim	12
Não	13	Não	4

Fonte: elaborado pela autora.

Isso nos faz refletir o quanto essa resposta pode ter ruído, pois o material de estudo utilizado para preparação de interpretação e tradução, muitas vezes, é escrito e, não necessariamente, trata-se de um processo de TrPV.

Percebemos essa observação explicitada pelo Respondente 9: “Na hora, não. Somente ler, entender, fazer pesquisa e anotações e traduzir.” Esse respondente é o mesmo que nomeou o processo presente na pergunta como TrPV e afirmou não ter aprendido sobre ele em sua formação. É notável a coesão entre as informações descritas por esse participante, pois a clareza sobre o processo e sua nomenclatura indica boa percepção sobre as formas de utilização de textos durante sua formação acadêmica e, principalmente, sobre a presença da TrPV durante sua trajetória profissional.

A discrepância entre a quantidade de respondentes que afirmaram terem aprendido sobre TrPV durante a formação e os que, de fato, nomeiam esse processo corretamente pode acontecer, em nossa opinião, por tratar-se de um assunto ainda pouco difundido na área de Libras. Desse modo, é possível que os participantes da pesquisa não tenham, em sua maioria, completa compreensão sobre o processo descrito na pergunta.

Na pergunta seis, o Respondente 13 traz o seguinte apontamento: “Sim...Costuma fazer Glosa para uma melhor tradução”. A glosa é uma ferramenta utilizada para representar a língua brasileira de sinais de uma forma escrita em português. Para McCleary, Viotti e Leite (2010), a Libras é, comumente, representada por uma

[...] variação de um sistema de glosas, em que uma palavra em inglês (ou em outra língua oral) é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente. Sinais não manuais podem ser representados por códigos sobrescritos, e usos do espaço de sinalização podem ser indicados por letras ou números subscritos (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010, p.267).

A glosa é uma forma simples de representação de sinais e é muito particular, pois não tem um padrão ou regras pré-definidas para a notação de sinais, portanto, cada TILS faz suas anotações de uma forma, de modo que um mesmo sinal pode ser escrito em glosa de inúmeras maneiras diferentes. Nesse aspecto, surge o questionamento se a utilização das glosas para uma interpretação ou tradução caracterizaria o processo como TrPV ou não, visto que se trata de um material escrito, mas que não segue as regras de escrita em língua portuguesa. Não é o objetivo deste estudo tratar esse tema com profundidade, porém, pensamos que é um assunto que precisa ser pesquisado, detalhadamente, em trabalhos futuros.

Os dados citados anteriormente mostram-nos que, mesmo com uma média alta de experiência profissional, a maioria dos TILS não sabe a nomenclatura específica para o processo descrito, pois somente três mencionaram os termos Tradução à Prima Vista, Tradução à Vista ou seu nome em inglês *Sight Translation*. Quando relacionamos essa informação com as respostas da pergunta seis, na qual 12 TILS afirmam terem aprendido e efetuado o processo de TrPV durante a formação, não é possível afirmar que a TrPV, de fato, esteve presente no ensino desses profissionais. Pois, como vimos anteriormente, é possível utilizar textos escritos durante a preparação para uma interpretação ou tradução sem, necessariamente, tratar-se de um processo de Tradução à Vista.

4.2 Da esfera de atuação e da rotina

Neste bloco, discutiremos as respostas das perguntas 3) Atua, majoritariamente, em qual área (educacional, médica, jurídica, etc.)? e 5) Em sua rotina profissional, costuma passar textos escritos em Língua Portuguesa para Libras (por exemplo, em sala de aula, os alunos recebem um texto escrito em português e você precisa passar aquele conteúdo para o aluno surdo)? Se sim, com que frequência (pode ser aproximadamente)? Você poderia nomear esse processo?

No que diz respeito à esfera de trabalho, 13 dos respondentes atuam na área educacional, 2 no contexto religioso, 1 no ambiente cultural e 1 na área audiovisual (um dos respondentes atua, principalmente, em duas áreas, educacional e religiosa), como ilustra a Tabela 2.

Tabela 2 - Área de Atuação

Área de Atuação	Número de Respostas
Educacional	13
Religiosa	2
Cultural	1
Audiovisual	1

Fonte: elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre a frequência de utilização do processo de passagem de um texto escrito em português para um discurso em Libras em seu dia a dia de trabalho, 10 respondentes afirmaram utilizar TrPV, pelo menos, uma vez por semana. Destes, todos atuam, majoritariamente, na área educacional, como mostra a Tabela 3.

Tabela 3 - Frequência de Utilização

Frequência de Utilização da TrPV	Número de Respostas
Sempre/Diariamente	7
Várias Vezes	1
1 a 2 vezes por semana	2
Pouquíssimas Vezes	1
Atualmente não realizo	3
Sem resposta	2

Fonte: elaborado pela autora.

Estudos evidenciam que grande parte dos TILS, no Brasil, atuam na esfera educacional (LACERDA, 2010; PEREIRA, 2010). Em nossa amostra, todos os participantes que utilizam a TrPV com frequência em sua rotina profissional são dessa esfera. Esse dado é fundamental para defendermos a emergência de discussões sobre o tema. Pois, se a maioria dos TILS no Brasil atua em salas de aula e nossos dados indicam que a TrPV faz parte desses espaços, podemos inferir que a tradução à vista é amplamente utilizada em nosso país. Se considerarmos as demais esferas em que a TrPV pode estar presente, essa frequência tende a aumentar. Contudo, obviamente, para corroborar essas hipóteses, seria adequado replicar esta pesquisa em outras realidades e para uma parcela maior de participantes.

Precisamos refletir sobre esse quadro porque sabemos dos desafios da atuação de TILS em sala de aula (ARAÚJO et al., 2015; SOARES, 2017), principalmente, se considerarmos sua presença em escolas de inclusão, nas quais os alunos, poucas vezes, têm contato frequente com professores surdos ou professores ouvintes proficientes em Libras. Desse modo, torna-se ainda mais necessária a presença de TILS esclarecidos acerca das técnicas que estão utilizando durante a situação interpretativa.

Não nos deteremos nesse ponto, mas é essencial discutirmos a presença da TrPV no contexto de sala de aula em trabalhos futuros, principalmente considerando

a realidade das escolas de inclusão. Como vimos anteriormente, a TrPV possui inúmeros nuances e trata-se de um processo bastante complexo. Obviamente, a simples presença de TILS não garante a inclusão (ROSA, 2005; TUXI, 2016), porém, profissionais conscientes podem fazer melhor uso das ferramentas de tradução e interpretação e, dessa forma, oferecer um produto linguístico de melhor qualidade aos usuários surdos.

De acordo com as respostas coletadas neste estudo, a presença da TrPV nos ambientes educacionais é frequente. No entanto, destacamos que esse quadro pode não se repetir em todos os níveis de ensino. O Respondente 9 pontua: “Não costumo fazer isso. Já fiz, claro, nesses anos... Mas em sala isso não acontece (graduação e pós)”. Esse excerto nos traz uma reflexão interessante. O ensino superior, de fato, requer que o aluno possua mais autonomia em comparação aos níveis fundamental e médio.

Dessa maneira, é esperado que os alunos surdos que acessam os ambientes educacionais acadêmicos já possuam proficiência leitora em língua portuguesa. Ademais, sabemos que, para que possam ingressar no ensino superior, os candidatos precisam prestar provas de seleção. Mesmo nas provas que possuem o recurso da interpretação ou tradução para Libras, a língua portuguesa é predominante. Assim, podemos depreender que a demanda por TrPV nos ambientes de ensino superior seja menor.

Também é válido ressaltar que recebemos essa informação do mesmo respondente que demonstrou clareza acerca da nomenclatura do processo de TrPV e da utilização de textos durante suas práticas na formação. Percebemos, nessas contribuições, que o conhecimento teórico pode deixar-nos mais conscientes e atentos aos processos tradutórios que vivenciamos.

Outro trecho dos resultados que nos chama atenção é o relato do Respondente 13: “Sempre faço tradução simultânea dos conteúdos para os alunos surdos”. Essa resposta não é explícita quanto ao nível de ensino de atuação desse TILS, ou quais tipos de ferramentas tradutórias esse profissional tem de lançar mão em seu dia a dia. Porém, o conjunto das respostas e discussões que desenvolvemos até aqui permite-nos cogitar que há grandes possibilidades de esse respondente ter de usar a TrPV com frequência em sua rotina de atuação em sala de aula.

Diferente dos respondentes da área educacional, os participantes que atuam, majoritariamente, no ambiente religioso relataram que não executam a TrPV com

frequência. Trago para essa discussão minha experiência prática em interpretação religiosa. Minha vivência como intérprete no ambiente religioso dá-se dentro do contexto evangélico, portanto, é possível que a atividade descrita não se repita em todas as religiões ou expressões de fé.

As religiões cristãs têm a Bíblia Sagrada como base doutrinária e é muito usual haver leitura bíblica durante as reuniões (cultos, missas, reuniões caseiras, estudos, etc.). Portanto, enquanto realiza a interpretação da fala do preletor, o TILS está suscetível à leitura de trechos bíblicos. Esse processo condiz com a submodalidade nomeada por Jiménez Ivars (1999) como simultânea com texto. Embora essa submodalidade não estivesse descrita na pergunta, salientamos que há grandes possibilidades de a TrPV estar, continuamente, presente no cotidiano dos TILS atuantes na esfera religiosa, por meio dessa submodalidade. Não é nosso objetivo tecer maiores reflexões sobre isso neste momento, porém, acreditamos que esse ponto demanda estudos aprofundados.

Embora a presença da TrPV envolvendo duas línguas orais seja frequente nos ambientes jurídico e médico (JIMÉNEZ IVARS, 1999; QUEIROZ, 2011; ALMEIDA; NORDIN, 2017), os dados coletados neste estudo não contemplam essas áreas de atuação. Desse modo, faz-se necessária a investigação dessas esferas de atuação para verificar a presença da TrPV envolvendo línguas de sinais nesses espaços.

4.3 Da nomenclatura

Neste bloco, analisaremos as respostas da pergunta 4: Quando um surdo ou um ouvinte tem um texto escrito em Língua Portuguesa e o expressa em Libras, você considera isso leitura ou tradução?

A Tabela 4 ilustra que recebemos 11 respostas indicando que se trata de uma tradução, 2 nomeando como tradução à vista ou *sight translation*; 1 nomeando como leitura, 1 como leitura para surdos e tradução para ouvintes e 1 participante nomeia como leitura e tradução. O termo Tradução à Vista apareceu também em uma resposta da pergunta cinco, somando três menções em todo o questionário.

Tabela 4 - Nomenclatura

Nomenclatura	Número de respostas
Tradução	11
Tradução à Prima Vista/ <i>Sight Translation</i>	2
Leitura	1
Ouvinte: tradução / surdo: leitura	1
Leitura e tradução	1

Fonte: elaborado pela autora.

A maior parte dos respondentes nomeou o processo descrito na pergunta como tradução. Embora o nome específico desse tipo de tradução/interpretação não apareça nessas respostas, é notável que 11 dos 16 participantes consideram a passagem de um texto escrito em português para um discurso em Libras um processo tradutório. Essa consciência pode facilitar a reflexão e a melhor aceitação e difusão do tema na categoria profissional.

Quando analisamos a ausência da nomenclatura especializada em contraponto ao questionamento sobre a presença da TrPV durante a formação, percebemos que os participantes demonstram pouca clareza na elaboração da resposta. Para pesquisas futuras, é relevante mensurar se a ausência desse conhecimento específico tem implicação direta no produto da TrPV.

É comum a percepção por parte dos pesquisadores de Estudos Surdos, Educação de Surdos e, até mesmo, de ETILS que essa interação de texto escrito em português e produção em Libras pode ter nuances e mesclas de processos tradutórios. Mas, nem sempre, essa noção é explícita (QUADROS E SOUZA, 2008; KARNOPP, 2015a, 2015b; REICHERT, 2015; ALBRES, 2016; SILVA, 2017).

Porém, é facilmente visível a ausência de relações com as teorias de TrPV já aplicadas às línguas orais:

Os tradutores/atores partem dos textos escritos para a produção dos materiais na versão em Língua de Sinais. Esse processo tradutório é

completamente novo, pois, envolve um texto escrito de uma língua falada no país e um texto 'oral' sinalizado na Língua Brasileira de Sinais (QUADROS E SOUZA, 2008, p.172).

Percebemos em Quadros e Souza, (2008, p.172) a clareza sobre o processo tradutório, entretanto, é aparente a falta de conhecimento dos autores acerca dos estudos desenvolvidos sobre TrPV em línguas orais. Sublinhamos que se trata de um texto com 13 anos e é possível que, atualmente, os autores possuam compreensão sobre a conexão entre o processo e a nomenclatura especializada.

Porém, as relações entre TrPV e ETILS ainda parecem instáveis, pois Albres (2016, p.69) tece relações muito semelhantes com as de Quadros e Souza, (2008, p.172) e, mesmo sendo um trabalho muito mais recente, ainda conseguimos perceber a inexistência da nomenclatura específica.

Todavia, quando a atividade pedagógica solicita a leitura 'com mãos em movimento' (compreensão do português e expressão em libras), pode-se afirmar que as atividades de leitura e tradução se fundem e exigem mais elaboração linguístico-cultural do sujeito leitor (ALBRES, 2016, p.69).

Isso nos mostra uma lacuna entre as áreas de ETILS e estudos sobre TrPV que desconsideram as línguas de sinais. Pois percebemos a necessidade de a comunidade surda (surdos, familiares, intérpretes, professores de surdos) apropriar-se desses estudos. Em contrapartida, a área de TrPV perde muito sem as contribuições da área de Libras. Defendemos a necessidade de aproximação e de interação das áreas de ETILS, de Estudos de Tradução e de Estudos de Interpretação de línguas orais, pois a contribuição entre essas áreas pode trazer inúmeros desdobramentos e estudos sendo muito proveitosa a todo o campo de Estudos da Tradução.

Inquietantes, entretanto, são as respostas que consideram o processo TrPV como leitura. Parece ser senso comum, mesmo dentro da comunidade surda, que a língua portuguesa escrita se funde com a língua de sinais falada pelos surdos.

Presumimos que seja pelo fato de não haver um único sistema de escrita de sinais amplamente difundido e utilizado massivamente pelos surdos. Desse modo, a ideia geral é de que surdos naturalmente escrevam em português. Portanto, surdos expressando com mãos em movimento (ALBRES, 2016) um texto escrito em português caracterizaria uma leitura da mesma forma que um ouvinte realizando leitura em língua portuguesa em voz alta de um texto escrito também em português.

Dito isso, vamos atentar a três respostas que consideram a leitura: uma nomeia somente como leitura, uma aponta que pode ser leitura e tradução e um respondente afirma que, sendo executado por um surdo, o processo seria leitura e, sendo realizado por um ouvinte, trataria-se de tradução.

Dentro da área de Estudos Surdos, principalmente em relatos de sala de aula, é comum percebermos a presença de leitura e escrita em português no dia a dia de alunos surdos. De modo geral, a descrição da interação de alunos surdos com textos em língua portuguesa é tida como leitura, mesmo quando os estudantes executam uma “leitura em voz alta”.

O pensamento acima fica exposto quando o Respondente 13 diz “OS MEUS ALUNOS FAZEM LEITURA (sic)”. Esse excerto nos leva a crer que se trata de uma afirmação categórica, pois a resposta é escrita com todas as letras maiúsculas. Demonstra certeza de que o processo de expressão em Libras de um texto escrito em português trata-se de leitura. Acaba por corroborar com o senso comum de que, de fato, o português é a língua de leitura de surdos.

Quando relacionamos os elementos presentes no processo descrito acima com as teorias postuladas sobre TrPV, fica evidente que se trata de um processo tradutório, especificamente, tradução à vista. Portanto, parece-nos um assunto a ser discutido urgentemente, inclusive na área de educação de surdos. Pois, para nós, o processo de leitura com mãos em movimento (ALBRES, 2016) seria, apropriadamente, chamado de TrPV. Contudo, como podemos perceber através das análises até aqui, esse vínculo ainda é pouco claro para a comunidade surda de modo geral.

Contudo, para nós, é estranho o pensamento de que um mesmo processo sendo executado por um surdo seja leitura e por um ouvinte seja tradução, como apontado em uma das respostas. Novamente, não é possível afirmar, mas a hipótese é que o pensamento de a língua portuguesa ser a expressão escrita do surdo repete-se.

Entretanto, é interessante pensarmos que, no caso de ouvintes, o português escrito é, geralmente, sua língua materna e modo primeiro de expressão escrita. Por que, então, transpor um texto de português escrito com mãos em movimento (ALBRES, 2016) para Libras seria um processo tradutório para ouvintes e não para surdos? Partindo do pressuposto de que o português seria a língua do surdo, a partir

do momento em que um ouvinte bilíngue utiliza a Libras como língua de expressão e de trabalho, esta não passa a “lhe pertencer”?

Mesmo sem levar em conta essas hipóteses, não nos parece concebível que o mesmo processo envolvendo duas línguas distintas seja tradução para um indivíduo e leitura para o outro. Pois, independentemente do direcionamento de língua, existe, no momento, uma língua fonte e uma língua alvo, mesmo que o sujeito que esteja executando não tenha consciência sobre o processo.

Por fim, é pertinente atentar aos respondentes que nomearam o processo explanado nas perguntas, especificamente, como Tradução à Vista, Tradução à Prima Vista ou *Sight Translation*. Ao todo, foram três respostas e os participantes têm características de formação muito particulares (Tabela 5), não sendo possível estabelecer um padrão.

Tabela 5 - Experiência e Formação

Tempo de Experiência	Formada (o) há quantos anos?
15 anos	4 anos
2 anos	Não formado
13 anos	14 anos

Fonte: elaborado pela autora.

A partir das respostas, não é possível afirmar que as formações descritas sejam com ênfase em Tradução e Interpretação em Libras/Português. Todavia, como vimos anteriormente, pelo fato de a graduação Tradução e Interpretação em Libras/Português ter iniciado em 2008 (LACERDA, 2010; PEREIRA, 2018), podemos estabelecer que o respondente com a formação concluída há 14 anos não possui bacharelado no curso supracitado. Ponto que não invalida a formação continuada ou a realização de cursos de especialização que esse participante pode ter feito durante sua jornada profissional.

Da mesma maneira, não podemos afirmar que o respondente formado há 4 anos tenha cursado a ênfase de nosso interesse, pois o fato de o curso ser ofertado não é garantia de que os profissionais da área tenham interesse em graduar-se.

Embora não possamos indicar congruências entre as respostas dos três participantes citados a fim de definir um perfil, é possível destacar um ponto em comum. Observa-se nos relatos de cada TILS que nomeou corretamente o processo descrito nas perguntas demonstrando coesão e bastante lucidez sobre os processos que executam. Isso nos permite antever que o conhecimento teórico nos traz maior capacidade de reflexão e de racionalização dos processos tradutórios que efetuamos durante nosso cotidiano profissional.

5 CONCLUSÃO

A análise dos resultados mostrou-nos que a TrPV está presente no cotidiano profissional dos TILS, principalmente no contexto educacional. Embora nossa amostra seja pequena, e isso se constitui em nossa limitação de pesquisa, é possível antever uma realidade que pode se repetir se aplicada a uma parcela maior de participantes. Portanto, para trabalhos futuros, faz-se necessária a aplicação de uma pesquisa quantitativa para termos evidências mais fortes desse fenômeno.

Algumas problemáticas ficaram destacadas nesta investigação como, por exemplo, a falta de clareza dos TILS sobre o processo que executam. Além de a maioria dos TILS não conhecerem a nomenclatura, desconhecem também que a TrPV é um modo de tradução com características próprias. Assim, acabam por ignorar que muito do que já existe de pesquisas relacionando-a com a tradução de línguas orais poderia ser adequado e aplicado às línguas de sinais.

Um ponto que se mostrou relevante e carece de mais estudos é de que forma o tempo de profissão e a formação influenciam no conhecimento teórico dos TILS. Pois, mesmo com a média de tempo de trabalho sendo extensa e com larga trajetória acadêmica, seja, especificamente, em bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras/Português, seja com especializações e formação continuada, a maioria dos participantes não possui conhecimento terminológico do processo. Ademais, seria interessante investigar quais estratégias esses profissionais desenvolveram ao longo dos anos de experiência para vencer os desafios gerados pela complexidade da TrPV, visto que a TrPV se faz presente em sua rotina de trabalho.

A ausência do conhecimento terminológico por parte dos respondentes, em nosso estudo, demonstra, também, uma falta de consciência sobre a presença do texto escrito de modo geral em sua rotina de trabalho. Isso nos faz refletir, pois, tratam-se de profissionais que atuam com a língua brasileira de sinais e com a língua portuguesa e parece-nos fundamental que as relações com o texto escrito em suas línguas de trabalho sejam claras para todos os profissionais.

Outro ponto a ser aprofundado é a relação entre leitura de surdos e TrPV. Nossas amostras apontam para a falta de clareza por uma parcela dos participantes com relação ao processo de transposição de um texto escrito em português para um

discurso em Libras quando efetuado por uma pessoa surda. Dessa maneira, faz-se necessária uma investigação para descobrir os motivos que levam as pessoas a acharem que o processo de expressão em Libras de um texto em português trata-se de leitura e não tradução.

Para além das relações entre TrPV e leitura de surdos, atentamos para a presença da TrPV dentro do ambiente religioso. Nossos dados ainda são incipientes, porém, parece-nos relevante voltar o olhar a essa prática e aferir se essa hipótese se comprova.

No decorrer do texto, surgiram possibilidades de investigações futuras, de acordo com os tópicos a seguir:

- Será que a “leitura” de glosas, feitas em tomada de notas, em interpretação consecutiva não se caracterizaria como TrPV?;
- Possibilidade de a TrPV ser, massivamente, utilizada no contexto de interpretação educacional para alunos surdos. Esse assunto demandaria uma pesquisa quantitativa;
- A presença da submodalidade Simultânea com Texto está presente no cotidiano de interpretação em ambientes religiosos?;
- Nossas amostras não contemplam as áreas médica e jurídica. Há a necessidade de investigações específicas em cada uma dessas esferas de atuação e aferição quais implicações a TrPV exerce nesses ambientes;
- A leitura da tomada de notas, seja em línguas orais ou de sinais, caracterizaria-se como TrPV?;
- A ausência do conhecimento terminológico traz prejuízos ao produto da interpretação?;
- Pesquisa específica sobre TrPV dentro da esfera educacional a fim de verificar se essa prática está, massivamente, presente nesse campo em todos os níveis de ensino e como essas relações podem influenciar o resultado da tradução/interpretação;
- Verificar a presença da TrPV nos cursos de formação, focando no conhecimento dessa teoria por parte dos formadores de TILS.;
- Testar a recepção produto da TrPV pelos usuários, tanto surdos quanto ouvintes;

- Analisar as diferenças relativas à escolaridade, ao exercício da escrita e à proficiência leitora pela pessoa que está executando a TrPV.

É evidente a necessidade de mais estudos voltados à relação da TrPV com a Libras. Desse modo, frisamos que estas investigações qualificarão todos os nossos contextos de atuação, aproximando-nos da base teórica já existente nos Estudos da Tradução de línguas orais. Além disso, como temos uma forte presença na área educacional, mais pesquisas têm o potencial de contribuir para que, em colaboração, a área dos Estudos Surdos, da Linguística das Línguas de Sinais e dos ETILS impulsionem o progresso da educação de surdos.

Como pudemos observar com as discussões desenvolvidas até aqui, a TrPV tem diversas nuances e desdobramentos. Por isso, reiteramos a urgência de mais estudos que relacionem a TrPV com a língua brasileira de sinais.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva A. **Leitura e tradução:** duas faces da mesma tarefa na educação de surdos. Revista Espaço, nº 46, p. 61-75, Rio de Janeiro, jul-dez, 2016. DOI:<http://dx.doi.org/10.20395/re.v0i46.327>
- ALMEIDA, M. R. de; NORDIN, J. N. **Interpretação forense:** a experiência prática da justiça federal de Guarulhos e o treinamento de intérpretes. Direito Federal - Revista da AJUFE, Brasília, ano 30, n.96, p. 481-520, 2017. Disponível em: <https://www.ajufe.org.br/publicacoes/revista-direito-federal/10224-revista-de-direito-federal-96>. Acesso: 29 abr. 2021.
- BRASIL. Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** Diário Oficial da União, setembro, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso: 29 abr. 2021.
- CABAZ, Marcela B.; BELAM, Patrícia V. **Tradução e acessibilidade:** audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos como campos de atuação para tradutores. Tradução em Revista, 21, 2016.2. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28043/28043.PDF>. Acesso: 23 abr. 2021.
- CARVALHO, Cláudia S. M. de. **TEDxISCAP – Legendagem de um evento TEDx.** (Dissertação de Mestrado) Instituto de Contabilidade e Administração do Porto, Porto, 2017. Disponível em: https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10959/1/CI%C3%A1udia_Carvalho_MTIE_2017.pdf. Acesso: 29 abr. 2021.
- CARVALHO, Luana R. **Revisão bibliográfica sobre estratégias de preparação do intérprete para a interpretação de conferências.** Tópicos e contextos em interpretação, Interpret2B Publicações, Londrina – PR, v 1, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/2bhrbQB>. Acesso: 29 abr. 2021.
- CAVALLO, Patrizia; REUILLARD, Patrícia C. R. **Estudos da Interpretação:** tendências atuais da pesquisa brasileira. Letras & Letras, vol. 32/1, p. 353-368. Uberlândia, jan/jun 2016. DOI: 10.14393/LL63-v32n1a2016-18.
- COSTA, Daniel P. P. da; JESUS, Silvana M. de. **Os múltiplos domínios da Tradução.** Domínios de Lingu@gem, vol. 11, n. 5, p. 1412-1423, Uberlândia, dez. 2017. DOI: 10.14393/DL32-v11n5a2017-1
- FERNANDEZ SANCHEZ, Maria M.; MARÍN HITTA, Maria T. **La traducción a la vista, su importancia en la formación del traductor.** Universidad de Granada. II Encuentros Complutenses en torno a la traducción, Espanha, 1990. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/iulmyt/pdf/encuentros_ii/28_fernandez_marin.pdf Acesso: 03 fev. 2021.

FERREIRA NETTO, Waldemar; CONSONI, Fernanda. **Estratégias prosódicas da leitura em voz alta e da fala espontânea**. Alfa, São Paulo, 52 (2): 521-524, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1531/1239>. Acesso: 20 abr. 2021.

GILE, Daniel. **Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea – uma contribuição**. Traduzido por Markus Johannes Weininger, Giovana Bleyer Ferreira dos Santos e Diego Maurício Barbosa. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 590-647, jul-dez, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5280304>. Acesso: 23 abr. 2021.

JAKOBSEN, Arnt L.; JENSEN Kristian T. H. **Comportamento do movimento ocular em quatro tipos diferentes de tarefas de leitura**. Traduzido por Tânia Liparini Campos. Revista Graphos, Edição Especial, UFPB/PPGL, 2018. ISSN 1516-1536

JIMÉNEZ IVARS, Amparo. **La traducción a la vista**. un análisis descriptivo. (Tese de Doutorado em Tradução) Universitat Jaume I, Facultat de Ciències Humanes i Socials – Castellón, 1999. Disponível em: <https://www.tdx.cat/handle/10803/10564>. Acesso: 23 abr. 2021.

KARNOPP, Lodenir B. **Práticas de leitura e escrita entre os surdos**. In LODI, A.B et al. (Orgs.) Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Editora Mediação, Porto Alegre, 2015a.

_____. **Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo**. In LODI, A.B et al. (Orgs.) Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Editora Mediação, Porto Alegre, 2015b.

LACERDA, Cristina B. F. **Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos**. Cadernos de Educação, n. 36, p.133-153, Pelotas, 2010. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/CADUC.V0I36.1604](https://doi.org/10.15210/CADUC.V0I36.1604)

_____; GURGEL, Taís M. do A. **Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil**. Rev. bras. educ. espec, Marília, v. 17, n. 3, p. 481-496, Dec. 2011 .DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000300009>.

McCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani; LEITE, Tarcísio A. **Descrição das Línguas Sinalizadas: A questão da transcrição dos dados**. Revista Alfa, São Paulo, vol.54 n.1, p. 265-289, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880> . Acesso: 29 abr. 2021

NASCIMENTO, Marcus V.B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. Tese de doutorado em Linguística Aplicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19562>. Acesso: 29 abr. 2021.

NOGUEIRA, Tiago C. **Intérpretes de Libras - Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**.

(Dissertação). Mestrado em Estudos da Tradução. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167619>. Acesso: 23 abr. 2021.

PACHECO, Vera; OLIVEIRA, Marian. **Reconhecimento dos marcadores prosódicos da escrita em situação de leitura e de oitiva**: um processo interativo. Revista da Anpoll n° 37, p. 199-212, Florianópolis, Jul./Dez. 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/780>. Acesso em: 20 abr. 2021.

PAGURA, Reynaldo. J. **A Interpretação de conferências no Brasil**: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros. 2010. 231 f. (Tese Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. DOI: 11606/T.8.2010.tde-09022011-151705.

PEREIRA, Maria C.P. **Interpretação interlíngua**: As especificidades da interpretação de língua de sinais. Cadernos de Tradução (Florianópolis) v. 1, p. 135-156, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4925667>. Acesso: 23 abr. 2021.

_____. **Estudos da interpretação**: quem tem medo das línguas de sinais? Tradução em revista, v. 1, n. 24, p.1-21, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34524/34524.PDFXXvmi>. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. **Produções acadêmicas sobre interpretação de língua de sinais**: dissertações e teses como vestígios históricos. Cadernos de Tradução, v. 2., n. 26, p.99-117, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p99/14225>. Acesso: 20 abr. 2021.

_____. **Reflexões sobre a tipologia da interpretação de Línguas de Sinais**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 46-77, jul-dez, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5280303>. Acesso em: 28 jun. 2020.

_____; VARGAS, Camila S.R. **A Tradução à Vista nos concursos para tradutor e intérprete de libras**: estudo de caso. Cultura e Tradução, v.6 n.1 (2020) ISSN: 2238-9059. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ct>. Acesso em: 28 jun. 2020.

QUADROS, Ronice M. de; SOUZA, Saulo X. **Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino**: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In.: QUADROS, Ronice Müller de (organizadora). Estudos Surdos III. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/15>. Acesso: 29 abr. 2021.

QUEIROZ, Mylene. **Interpretação médica no Brasil**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2011.

ROSA, Andrea da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação. Campinas, 2005. Acesso em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190872>. Acesso: 23 abr. 2021.

REICHERT, André R. **Da língua portuguesa escrita à libras: problematizando processos de tradução de provas de vestibular.** (Tese de Doutorado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5720>. Acesso: 23 abr. 2021.

RODRIGUES, Carlos H.; BEER, Hanna. **Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?** Cadernos de Tradução (Florianópolis), v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>

SAMPAIO, Glória R. L. **Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações pedagógicas.** Domínios de Lingu@gem, Uberlândia, vol. 11, n. 5 - p. 1674-1684 - dezembro 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL32-v11n5a2017-15>

SANTOS, Lara F. dos. **O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações.** Tese de Doutorado. UFSCar. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185148>. Acesso: 23 abr. 2021.

SANTOS, Silvana A. dos. **Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação.** Cadernos de tradução, v. 2, n. 26, p. 145-164, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4925815>. Acesso: 23 abr. 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** 2º. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Giselli M. **O português como segunda língua dos surdos brasileiros: uma apresentação panorâmica.** Revista X, volume 12, n.2, p.130– 150, Curitiba, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v12i2.51140>

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SOARES, Raquel Lopes de Oliveira. **Intérprete de Libras: desafios e possibilidades de atuação com o educando surdo na unidade escolar.** Centro virtual de cultura, surda revista virtual de cultura surda. Edição Nº 21, 2017. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/8%C2%BA%20Artigo%20de%20Soares.pdf>. Acesso: 20 abr. 2021.

SOUZA, Saulo X. de. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94642>. Acesso: 23 abr. 2021.

TUXI, Patrícia. **A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Educação. Brasília, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/513>. Acesso: 23 abr. 2021.

VINAY, Jean-Paul. **A Tradução na Teoria e na Prática.** Traduzido por Yaracylda Coimet, Magaly Rocha e Francisco Gomes de Matos. Revista Eutomia, Ano I – Nº 01 p. 146-162, jul 2008. DOI: <https://doi.org/10.19134/eutomia-v1i01p%25p> .

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

1. Atua como Tradutor(a) e Intérprete de Libras (TILS) há quanto tempo?

Respondente 1: 2 anos

Respondente 2: 3 anos

Respondente 3: 5 anos

Respondente 4: 4 anos

Respondente 5: 15 anos

Respondente 6: 9 anos

Respondente 7: 14 anos

Respondente 8: 5 anos

Respondente 9: 13 anos

Respondente 10: 10 anos

Respondente 11: 4 anos

Respondente 12: 25 anos

Respondente 13: 5 anos

Respondente 14: 5 anos

Respondente 15: 20 anos

Respondente 16: doze anos

2. É formada(o) há quanto tempo? Em qual instituição se formou?

R1: Não sou formado.

R2: 2 anos. UFSC

R3: Em andamento Bacharelado em Letras Libras pela Faculdade Eficaz

R4: Quatro anos. Ifba

R5: 4 anos – UFSC

R6: 8 anos – UFSC

R7: 6 anos. UNOPAR

R8: Sou formada no curso técnico de TILS pelo IFSC- Palhoça em 2015 . Sou graduanda da 6 fase de bacharel Letras- Libras da UFSC.

R9: 14 anos. Ufsc.

R10: Sou pedagoga, com pós graduação em Libras, Ed especial e Inclusiva com ênfase em Surdez e LIBRAS e cursando Letras Libras bacharel

R11: 8 sons – UFSC

R12: 8 anos sou formada em Letras Libras UFSC

R13: Instituto Singularidades - 1 ano como Intérprete, porém sou formada em Letras Português e Inglês

R14: 4 anos - Uniasselvi

R15: 20 anos. Universidade de Passo Fundo

R16: Proficiente em Libras (Prolibras MEC 2006) Licenciatura português e literatura (Uniabeu-Centro Universitário-2015) Mestre em Diversidade e Inclusão (UFF - 2019)

3. Atua, majoritariamente, em qual área (educacional, médica, jurídica, etc.)?

R1: Educacional

R2: Cultural

R3: Educacional.

R4: Educacional

R5: Audiovisual

R6: Educacional

R7: Educacional

R8: EDUCACIONAL

R9: Educacional

R10: Religiosa

R11: Educacional

R12: Educacional e religiosa

R13: Educacional

R14: Educacional

R15: Educacional

R16: Educacional

4. Quando um surdo ou um ouvinte tem um texto escrito em Língua Portuguesa e o expressa em Libras, você considera isso leitura ou tradução?

R1: Tradução

R2: Tradução

R3: Tradução.

R4: Tradução

R5: tradução à prima vista - sign translation

R6: Tradução

R7: Tradução

R8: Surdo - leitura. Ouvinte – tradução

R9: Tradução à prima vista

R10: Tradução

R11: Tradução

R12: Tradução

R13: OS MEUS ALUNOS FAZEM LEITURA

R14: Tradução

R15: Tradução

R16: Pode ser leitura e tradução

5. Em sua rotina profissional, costuma passar textos escritos em Língua Portuguesa para Libras (por exemplo, em sala de aula, os alunos recebem um texto escrito em português e você precisa passar aquele conteúdo para o aluno surdo)? Se sim, com que frequência (pode ser aproximado)? Você poderia nomear esse processo?

R1: Sim. 1 ou 2 vezes por semana. Tradução à vista

- R2: Já aconteceu no passado. Trata-se de tradução
- R3: Sim, sempre. Praticamente em todas as aulas possui textos para poder traduzir para LIBRAS.
- R4: Sim. Em quase todos os dias de aula. Processo de tradução.
- R5: tradução à prima vista - sight translation
- R6: Tradução, 1 x semana
- R7: Sim, quase sempre que o aluno recebe textos em português. Tradução
- R8: Não. Porém são as dúvidas do aluno em relação a sua compreensão do texto
- R9: Não costumo fazer isso. Já fiz, claro, nesses anos ...Mas em sala isso não acontece (graduação e pós).
- R10: Pouquíssimas vezes
- R11: Sim, todas as vezes que o professor traz o texto e trata-se de uma tradução.
- R12: Era diariamente mas por conta da pandemia parou tudo. Hoje faço vídeos em Libras mostrando o que deve ser feito
- R13: Sempre faço tradução simultânea dos conteúdos para Os alunos surdos.
- R14: Várias vezes. Considero tradução
- R15: Tradução
- R16: Sim. Quase todos os dias.

6. Em sua formação, você aprendeu, discutiu ou efetuou exercícios que envolvessem esse processo (passar um texto escrito em português para libras)?

- R1: Sim, tanto teóricos quanto práticos.
- R2: Sim
- R3: Sim, frequentemente.
- R4: Não
- R5: sim, nas disciplinas práticas de tradução
- R6: Sim
- R7: Não

R8: Sim

R9: Na hora, não. Somente ler, entender, fazer pesquisa e anotações e traduzir.

R10: Sim, no meu primeiro curso de tradução e Interpretação 2010

R11: Sim.

R12: Sim

R13: Sim...Costuma fazer Glosa para uma melhor tradução

R14: Não

R15: Simm

R16: Sim.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que está sendo desenvolvido por Camila Sorgetz Rodrigues de Vargas, do Curso de Bacharelado em Letras Tradução e Interpretação de Libras - Português, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa Dra Maria Cristina Pires Pereira. O objetivo do estudo é discutir a utilização de um tipo específico de tradução/interpretação na atuação de Tradutores e Intérpretes de Libras. A finalidade deste trabalho é contribuir para o campo de Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais. Para tanto, solicitamos sua participação. Ao aceitar participar desta pesquisa, você deverá preencher este questionário online, o qual é anônimo e de preenchimento voluntário. Você pode desistir de participar deste estudo a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou necessidade de justificativa. Você não terá despesas e nem será remunerado pela participação na pesquisa. Este questionário online foi elaborado com o intuito de que o tempo gasto para seu preenchimento seja curto. Todos os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente com finalidades científicas. Ao concordar com este termo de consentimento livre e esclarecido, você autoriza o uso dos dados fornecidos no questionário para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome.

Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com Camila Sorgetz Vargas (sorgetz.vargas@ufrgs.br).